

QUAL USO DA ERGOLOGIA NA ATIVIDADE MILITANTE?¹

Yves Baunay

Por mais de uma década, comprometi-me a organizar um seminário permanente sobre o trabalho no âmbito de um instituto de pesquisa sindical. Depois de assumir, durante minha vida profissional ativa, responsabilidades importantes em minha organização sindical, agora milito na base como um simples membro do sindicato.

As pesquisas teóricas e práticas, as pesquisa-ação e as formações levaram-me a explorar este continente que era completamente desconhecido para mim: a atividade de trabalho. Acho muito paradoxal ter esperado até minha aposentadoria para me interessar pelo que as pessoas se engajam em suas atividades. E isso abriu novos horizontes para mim como ativista sindical. Também juntei diferentes espaços de reflexão e ação que desenvolvem um olhar renovado sobre o trabalho humano, considerado como atividade de transformação do meio de vida, do ambiente de trabalho, do meio social.

Essa maneira de apreender o trabalho vinculado à atividade me levou a compreender melhor como as pessoas constroem o mundo à sua volta, tanto o mundo físico como o social. Foi assim que a dimensão política do trabalho me apareceu de maneira concreta e tangível.

Como militante, percebi com tristeza que havia trabalhado em minhas atividades políticas e sindicais, sem realmente prestar atenção ao trabalho real, sem ver que a atividade das pessoas que estive ao lado e que pretendia representar, eram portadoras como trabalhadores e cidadãos de outros mundos possíveis a construir. Essa capacidade de

¹ Tradução: Admardo B. Gomes Júnior. Revisão: Lais Di Bella Castro Rabelo.

agir, reagir, construir, desviar-se das prescrições, não é reservada apenas aos militantes. Muito pelo contrário, essa capacidade é a marca da humanidade que cada trabalhador carrega

Hoje, essa descoberta me leva a considerar com um olhar diferente a maneira de conceber e realizar minha própria representação da política e da democracia. Meu próprio engajamento sindical e político é ampliado e enriquecido a partir de uma abordagem e de uma postura nova inspirada pela ergologia

Gostaria de salientar que me sinto ainda mais livre em minha atividade militante tão renovada que não exerço mais nenhuma responsabilidade executiva em meu sindicato ou em qualquer outro lugar. Isso me ajuda a me distanciar mais livremente das práticas, normas e valores sindicais.

1. A ergologia ajudou-me a compreender a atividade humana

No campo da atividade de trabalho, da atividade cidadã, entramos totalmente no continente da complexidade própria à atividade humana, a seu caráter enigmático e suas potencialidades insondáveis.

A exploração desta atividade singular é desconfortável e apaixonante. É alcançada através de um diálogo ininterrupto consigo mesmo, com outros trabalhadores-cidadãos, nossos semelhantes e nossos iguais. Não saímos dela ilesos.

Minhas experiências em pesquisa-ação realizadas em várias associações e setores de atividade social transformaram minha maneira de ver e estar em minhas relações com os outros. Uma ruptura radical operou-se em mim... reajo de maneira diferente a esse mundo de normas sociais, que afronto permanentemente com outros seres humanos com quem compartilho minhas atividades. Realizo de outro modo as escolhas que se impõem em minha própria vida de "aposentado ativo". Eu sempre gostei de conhecer os outros, porque é com eles que aprendo e me construo, principalmente quando são portadores de outras culturas, estranhas à minha.

Todo esse aprendizado da vida em comum, essa paixão insaciável por desvendar os mistérios da vida e da atividade humana,

do trabalho em todas as suas dimensões e todos os seus potenciais, leva-me a conceber e realizar minha atividade sindical e minha atividade política de cidadão aposentado de uma maneira radicalmente transformada.

Enquanto escrevo este artigo, um movimento social de escala sem precedentes está se desenvolvendo na França em todo o país. Os cidadãos comuns se organizam em trocas iniciadas nas redes sociais, fora de qualquer estrutura de sindicato ou partido político. A partir de sábado, 17 de novembro de 2018, eles bloquearam os anéis rodoviários, os shopping centers, vestindo coletes de segurança amarelos para motoristas. Eles inicialmente protestaram contra o aumento brutal dos impostos e dos preços dos combustíveis.

Esse inesperado movimento político chamado de "coletes amarelos" que continua depois de mais de um mês surpreende-me com sua inventividade, sua inteligência coletiva. Constitui-se, na minha opinião, uma experiência social muito estimulante, na qual identifiquei-me plenamente, mesmo que não participe diretamente de sua organização. Como 80% dos franceses, estou feliz em apoiá-lo.

2. Uma pedagogia da libertação do trabalho?

As experiências de "Trabalhadores Surpreendentes"² ensinaram-me que a pessoa engaja na atividade de trabalho todo o seu corpo, sua inteligência, sua sensibilidade, seu conhecimento, seus desejos. A ergologia fala de um mundo de normas no qual cada trabalhador e cada cidadão deve navegar para tornar seu trabalho possível e vivível. Para isso, ele ou ela deve fazer escolhas, decidindo a partir de debates de valores. É assim que cada um e cada uma deixa sua marca na construção de um mundo comum. Ele, ela, fazem história. Ele, ela, entram no campo de uma atividade política informal, que exige ser deliberada, compartilhada, desenvolvida com os outros.

² "Trabalhadores Surpreendentes, viagem ao coração da atividade" é o nome de uma iniciativa associativa que criamos com uma dúzia de pessoas com horizontes profissionais e políticos diferentes. Nosso objetivo é entender o que está acontecendo no coração da atividade de uma pessoa no trabalho, ouvindo-a falar sobre um evento muito pequeno que a marcou, num certo momento, em uma situação singular.

Cada pessoa é o que ela faz, em todos os campos da atividade humana, através de todas as suas experiências de vida. É através das atividades em que se engaja que ela existe e se desenvolve.

As experiências de pesquisa-ação conduzidas dentro da estrutura do Instituto de pesquisa sindical da FSU levaram-me a adotar uma postura benevolente de escuta do ponto de vista do trabalho. Todo esse aprendizado da análise do trabalho conduziu-me a uma ruptura radical na minha maneira de ver e entender o trabalho sindical, em geral, como trabalho político.

Para além da política visível e estabelecida, é sobretudo a atividade política informal dos cidadãos- trabalhadores que me interessa. Para mim, é neste caldeirão cultural que se imbricam e se enlaçam os debates de normas e valores, potencialmente portadores de um outro mundo comum possível de construir.

É por isso que entendo, desde o início, que o movimento dos "coletes amarelos" constitui-se uma ilustração extraordinária dessa capacidade das pessoas mais modestas, muitas vezes menos visíveis na vida política, de colocar no debate público e na ação política os seus próprios pontos de vista de cidadãos-trabalhadores. Eles conseguem manter, num prazo longo (várias semanas), à frente a atividade política e social na França e em parte no mundo inteiro. Sinto-me empático com esse movimento capaz de perturbar radicalmente as normas e valores já estabelecidos e conduzidos por organizações e instituições em todos os níveis, até mesmo a presidência da República Francesa.

Tudo isso faz eco com as reflexões que estou realizando no âmbito de outra associação que também ajudei a desenvolver com outras pessoas de diversas origens. Essa associação denominada "Trabalho e Política" é um espaço de reflexão e ação para a realização de uma pedagogia da libertação do trabalho e no trabalho. Uma pedagogia da construção concreta de alternativas no e através do trabalho político (e sindical), de um novo tipo, a ser projetado e desenvolvido. Partindo da exploração da realidade do trabalho vivo com trabalhadores-cidadãos, para fazer emergir todo o seu potencial. Para transformar o trabalho político no seio das instituições: partidos políticos, sindicatos, associações, organizações produtivas ...

Não se trata de fazer tábula rasa de todas as conquistas da história e do trabalho humanos, desde suas origens até os dias atuais. Mas, sim de construir juntos na escala de cada território, de cada país e do planeta um novo humanismo que se alimente da atividade viva de todos e todas, sem distinção de condição social, cultura, padrão de vida, de responsabilidade...

3. Rearticulando trabalho, atividade, cidadania: um projeto político subversivo

Eu experimentei o grupo de organizadores em "Trabalhadores surpreendentes" desde a sua criação em 2015.

Desenvolvemos e experimentamos um esquema de "destilação fracionada" da atividade de uma pessoa no trabalho (ou em outro lugar). A partir de um relato de cinco minutos de "algumas gramas" de atividade, seguido das perguntas dos participantes e das respostas do interessado, passamos essa atividade por uma espécie de scanner humano. Tentamos, de fato, através do diálogo, entender o que cada pessoa engaja em sua atividade de trabalho

E isso ressoa com os debates e as trocas realizadas na Associação Trabalho e Política, onde participo ativamente dos experimentos realizados, também, desde a sua criação. Em ambos os projetos, procuramos entender e experimentar como se articulam, se tecem e se amarram, de um lado, a atividade de trabalho em todos os seus aspectos, incluindo os mais micros, e, de outro, a atividade política e cidadã em suas dimensões tanto micros, individuais e singulares, como em suas dimensões macro. Até o nível da política instituída que se mostra no funcionamento das instituições políticas.

Para mim, essas duas experiências de pesquisa reverberam, sob um fundo de desenvolvimento de uma certa sensibilidade ergológica. Sensibilidade ao que desenvolve uma pessoa em sua atividade e ao uso que se pode fazer dela, individual e coletivamente. Essa atividade é sempre a de uma pessoa singular, com toda a sua história e todo o seu corpo que age e reage em uma situação igualmente singular. É nesse contexto de uma atividade situada, em parte imprevisível, que o protagonista analisa, sente, pensa, reflete, faz

conexões com outras experiências, se confronta a dilemas, faz escolhas. Tudo isso acontece no contexto de debates sobre normas e valores, em relação a outras pessoas, em um ambiente físico e social. É em sua relação com o ambiente que cada protagonista analisa e tenta entender o significado de seu trabalho e se engaja em iniciativas mais ou menos surpreendentes.

Assim, a pessoa no trabalho está em ação, em realização, em criatividade e faz história. Ela tenta impor em seu meio suas próprias marcas, seu próprio traço.

Essas experiências, como outras, me levaram a modificar minha visão de trabalho, sobre a atividade profissional e sobre os laços que se formam nessa atividade com a atividade cidadã e política real. É nesse entrelaçamento entre atividade profissional (ou outras atividades) e atividade cidadã que tento entender esse tipo de simbiose que trabalhadores-cidadãos ou cidadãos-trabalhadores alcançam trabalhando ou realizando outras experiências sociais. Tenho a intuição, que resta verificar e explicitar, que é neste caldeirão cultural que as pessoas constroem sua postura política. Para isso, confrontam suas próprias experiências de vida em sociedade e, em particular seu trabalho como atividade central, com o que percebem da esfera política estabelecida, da atividade política dos profissionais que movimentam as instituições democráticas. Eles e elas confrontam, assim, o mundo que constroem em torno deles no meio de trabalho e da vida, e o mundo que parecem portar esses profissionais e especialistas da política, em suas próprias atividades e discursos. Esse confronto costuma ser doloroso e gera reações interessantes para entender as relações das pessoas com a política.

Durante várias semanas, pudemos testemunhar na França esse diálogo entre surdos através do movimento dos "coletes amarelos", que estão tentando por todos os meios pacíficos deixar claro que eles e elas não poderiam viver decentemente e dignamente de seu trabalho, e "representantes políticos" portadores de outras normas, de outros valores, essencialmente de mercado e financeiros. É esse mal-entendido, essa surdez das instituições políticas que são os portadores da violência.

Desse ponto de vista, o movimento dos "coletes amarelos", ao se instalar sobre todo o território francês, torna visível essa confrontação explosiva, violenta, entre os cidadãos-trabalhadores e as instâncias detentoras do poder político.

Percebi que as formas de atividade e os debates no campo da política dentro das instituições democráticas provocam, frequentemente, um outro olhar sobre a maneira como as pessoas se constroem realmente, sua postura política em relação às suas atividades sociais e suas condições de vida cotidiana. E esse modo de considerar a atividade política dos cidadãos geralmente é o mesmo, independentemente da orientação política ou do partido político desses "especialistas políticos". É por isso que eles ficam completamente desorientados diante do inesperado aparecimento de "coletes amarelos" no cenário político, com maneiras de fazer e se expressar que perturbam as normas estabelecidas no campo da política instituída.

De acordo com essa concepção bem estabelecida, as pessoas seriam movidas apenas por seus próprios interesses imediatos. Eles estariam em uma situação exclusiva de dominação por outros (aqueles que detêm o poder). O comportamento deles seria o resultado de uma espécie de determinismo social, um tanto quanto mecanicista. Eles poderiam, assim, ser facilmente manipulados pela mídia, por políticos, por discursos ideológicos, por religiões. Eles seriam assim privados de sua liberdade, de sua própria capacidade de construir sua própria opinião e postura. Eles seriam impedidos de serem o que são e o que querem ser. No entanto, esse olhar condescendente dos políticos (e frequentemente dos sindicalistas) sobre esse tipo de "alienação" das pessoas, em suas atividades e outras, é o oposto do que eu percebo dessa mesma atividade em "Trabalhadores Surpreendentes".

As histórias dos "cinco minutos" nos mostram, pelo contrário, pessoas humanas que sempre desejam participar, através do trabalho, de uma co-construção de um mundo comum. Na atividade de trabalho, tomam iniciativas, fazem escolhas, são criativas e não passivas. Ao transformar seu ambiente de trabalho, eles demonstram o desejo de deixar sua marca, seu traço na construção deste mundo comum, onde seria bom para todos viver em cooperação e bom entendimento. Um mundo formado coletivamente entre iguais onde todos seriam

reconhecidos pelo que são ou pelo que fazem. É este mundo, articulado à vida real do trabalho, que os cidadãos vestidos de "coletes amarelos" tornam visível e tangível. E é, para mim, nesses olhares discordantes, esses mal-entendidos entre governantes e governados, que busco a origem, o nó das crescentes discrepâncias, incompreensões e também desejos e esperanças que frequentemente se manifestam de maneiras surpreendentes e incompreensíveis, entre a esfera da política instituída e a esfera do trabalho e da atividade dos trabalhadores-cidadãos. São essas discrepâncias, esses mal-entendidos, que trazem crises às instituições políticas e ao funcionamento da democracia representativa.

Esse tipo de dissonância também percebo, dolorosamente, na atividade sindical, a partir da minha experiência de membro de base. O desejo feroz dos "coletes amarelos" de ficar longe de sindicatos e partidos políticos também é um indicador dessa discrepância.

Na minha opinião, é nesta emergência de uma outra maneira de conceber e realizar o trabalho político dentro da esfera instituída que repousa uma refundação da democracia. Isso deve passar por uma re-articulação entre o ponto de vista do trabalho real e da atividade dos cidadãos-trabalhadores, por um lado, e o "trabalho político", por outro.

Essa discrepância abismal entre dois mundos está atualmente sendo destacada pelas notícias políticas e sociais na França pelo movimento dos "coletes amarelos". Por um lado, esse mundo da política instituída, desenvolvido por todos aqueles que usam as instituições democráticas para confiscar o debate público e a voz dos trabalhadores-cidadãos, e, por outro lado, esse mundo de criatividade e inteligência política dos cidadãos-trabalhadores, a partir da vida real, das pessoas que lutam pela sobrevivência. Esse equívoco colossal tornou-se cada vez mais visível na mídia francesa após a manifestação do dia dois de dezembro de 2018 e nas semanas seguintes. A mídia, convidando alguns "coletes amarelos" frente aos "especialistas", conseguiu fazer perceber de maneira tangível a violência exercida por profissionais da política, o Presidente da República e seu Primeiro Ministro, quando eles preparam-se para uma postura de negação da realidade da vida cotidiana dos cidadãos-trabalhadores, os mais carentes e, também, numerosos. Aqueles que são designados para condições materiais de vida indigna e, no entanto, lutam para tentar de

todos os modos com seus entes queridos, suas famílias, seus colegas de trabalho, viver uma vida mais bela: uma vida digna à qual cada ser humano deve ter direito.

Nesse sentido, as manifestações dos coletes amarelos ocorridas na França nos dias 1º de dezembro e oito de março revelaram uma situação política insurrecional, na qual o povo oprimido manifesta sua maneira de fazer o trabalho político, tomando nas mãos os afazeres, sem prestar conta aos "especialistas" da política instituída. Conseguindo frustrar as tentativas de provocações que tentavam desviar esse movimento fundamentalmente pacífico em direção a explosões de violência. Esse movimento também frustrou as tentativas de recuperação por pessoas da política instituída, prontas para se auto proclamarem representantes dos "coletes amarelos".

A intervenção solene do Presidente da República na segunda-feira, dia 10 de dezembro de 2018 na televisão, os comentários que se seguiram na mídia e o fim da inadmissibilidade proclamada na base por quase todos os "coletes amarelos", destacaram a profundidade da crise democrática que sacode a França e que, de repente, se expressa em plena luz do dia, de maneira tangível.

4. "Liberar o trabalho": mas como?

Minha reflexão também é inspirada nas experiências de Paulo Freire, esse grande pedagogo brasileiro, exposto em seu livro "Pedagogia do oprimido" (1980). Seus trabalhos são frequentemente associados à ergologia. Por um lado, trata-se de libertar o trabalho dos oprimidos para tirá-los da submissão, desenvolvendo uma pedagogia da ação política que liberte tanto os oprimidos quanto os opressores. O principal perigo a evitar, segundo Paulo Freire, é a inclinação dos oprimidos para o lado dos opressores. Muitas revoluções na prática falharam em evitar essa armadilha. Por outro lado, a ergologia visa transformar o trabalho, construindo na ação mesma com os trabalhadores alternativas ao trabalho forçado, ao trabalho impedido, ao trabalho subordinado.

Essas transformações visam aproveitar as reservas de alternativas contidas na própria atividade das pessoas, no trabalho ou

em qualquer outro lugar. Por exemplo, no "Manifesto por um Ergo-engajamento", Yves Schwartz (2015) propõe uma démarche pedagógica e política de ação para transformar o trabalho. Ele define o campo político como "*aquele onde está em questão o bem comum*". Ele nos convida a agir neste campo para olhar no trabalho o que seria "*respeitoso da atividade humana*" em todas as suas dimensões e complexidade enigmática. Isso supõe levar em consideração que nessa atividade se desenvolvam "*processos de renormalização das normas antecedentes*", ou seja, um retrabalho das prescrições para manter o trabalho nas condições singulares onde ele se apresenta.

O próprio processo de realização dessa atividade é cenário de "*um debate sobre valores sem dimensão, cujos horizontes incluem variavelmente uma meta de bem comum*". E tudo isso "*já é onipresente na menor das operações industriais*", no menor parcela de trabalho e da atividade. Isso está de acordo com o que podemos ver em inúmeras experiências que se multiplicam na França, no Brasil e em outros lugares, em diferentes áreas de pesquisa, reflexão e ação, para concretizar esses projetos alternativos, dar-lhes consistência e vida (Schwartz, 2015).

Essa sensibilidade ergológica faz ressonância com o projeto político-educacional de Paulo Freire. Por exemplo, quando ele desenha projetos "*de seminário de preparação de militantes para o exercício da análise dialética da realidade (...) onde os participantes são convocados a superar sua visão parcial e ingênua da realidade e substituí-la por uma visão da totalidade*" (1980, p. 197)

Porque "*ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão*" (...) por isso "*o diálogo crítico e libertador, por isso mesmo que supõe a ação, tem de ser feito com os oprimidos, qualquer que seja o grau em que esteja a luta por sua libertação*", afirma Paulo Freire, com base em suas próprias experiências.

Penso que hoje a ação política ou sindical, dos militantes como dos trabalhadores, enfrenta um problema semelhante. Resumo isso de citações do livro "Pedagogia dos oprimidos" (Freire, 1980). Construir uma "ação cultural" pela liberdade de trabalho e no trabalho; portanto, ação com os protagonistas do trabalho, onde todos são

iguais: trabalhadores, pesquisadores, militantes. *“Educadores e educados (líderes e massas) são orientados juntos em uma tarefa em que os dois são sujeitos, agindo não apenas para decifrar essa realidade e, portanto, conhecê-la com espírito crítico, mas também para recriá-la”*. *“Deste modo, a presença dos oprimidos na busca de sua libertação, mais que pseudo-participação, é o que deve ser: engajamento”* (1980, p. 48). *“O problema mais difícil é preencher a lacuna entre a opção revolucionária formulada pelos militantes e sua prática, que nem sempre é realmente revolucionária”* (p. 197). Estamos de fato no coração do que chamo de trabalho militante, ou atividade política militante de outro tipo. Aquele que os "coletes amarelos" estão tentando iniciar e que tem tanta dificuldade de serem reconhecidos no trabalho político instituído. *“Se minha opção é revolucionária, eu não posso considerar as pessoas como o objeto da minha ação libertadora”* (...) *“a ação político-revolucionária não pode imitar a ação político-dominadora”*.

Aqui, novamente, o gênio criativo do movimento “coletes amarelos” não apenas desacredita os partidários do poder político que confiscaram as atuais alavancas desse poder, para acentuar ainda mais brutalmente a violência exercida contra a vida dos mais necessitados (aqueles que doam sem receber nada em troca) em benefício dos ricos (aqueles que saquearam a riqueza criada sem dar nada em troca) Isso abala a maneira como as "poderes intermediários", partidos políticos, sindicatos, associações, mídia... concebem e realizam seu próprio trabalho político. Isso os leva a fazer rupturas dramáticas na maneira como concebem suas relações com os trabalhadores-cidadãos, se quiserem se reconectar com o movimento popular que se desenvolveu fora deles.

5. Trabalho e democracia: da atividade política do cidadão-trabalhador à reconstrução da democracia

Em uma das minhas ações de pesquisa realizadas para o meu sindicato, investiguei a vivência no trabalho de professores de escolas tecnológicas da França diante de uma reforma imposta a partir de 2010, contra o conselho desses mesmos professores e de seu sindicato. Pude destacar os danos causados por essa negação da democracia. No

início do ano letivo de 2013, um destes professores de uma escola onde eu havia investigado, pôs fim à sua vida deixando uma longa carta explicando seu gesto. Nesta carta, ele traça uma análise pessoal, social, econômica e política extraordinária que me marcou muito (Baunay 2016, p. 129).

Estou tentando articular ergologia e ecologia. A primeira, a ergologia, se interessa pela atividade e, portanto, pela vida dos seres humanos; seres que existem e vivem em sua e por sua singularidade irreduzível; seres sociais e políticos que se desenvolvem nos coletivos que constroem em seu trabalho, na sociedade que os faz viver e que vivem, à sua maneira. A outra, a ecologia, preocupa-se com o meio de vida desses mesmos seres humanos que vivem em simbiose permanente com outros seres vivos animais e vegetais. "A biodiversidade é o tecido da vida da qual fazemos parte" (Le Monde, 2018:23).

A atualidade do movimento dos "coletes amarelos" põe em evidência a forte relação política que enlaça à realidade da vida entre esses dois mundos. O aumento dos impostos sobre combustíveis botou fogo no pavio. Decidido por um poder político insensível às condições reais de vida dos trabalhadores-cidadãos mais carentes, propõe salvar os mais ricos no financiamento da "transição ecológica". Assim, são trazidos à luz os desafios da luta de classes no trabalho político, que levam a decisões que impactam os campos social e ecológico. Este trabalho político revela o entrelaçamento inextricável das normas, do trabalho e do mundo das normas ecológicas: da ergologia e da ecologia como posturas políticas essenciais.

A abordagem ergológica tenta colocar a vida das pessoas, seu trabalho e suas atividades no centro da construção de uma sociedade democrática e da produção de saberes e valores, da construção de um mundo comum para viver. Ela almeja não dar continuidade a todas as formas, manifestações e processos em curso que levam nosso mundo à desumanização das relações sociais. No mesmo movimento, busca levar em consideração o ponto de vista do trabalho e da atividade humana, na construção de outros mundos possíveis. Desenvolvendo a sensibilidade ergológica, aproveitando os recursos já experimentados e socializados nos coletivos de trabalho. Essa postura ergológica começa a irradiar em muitas atividades sociais: o trabalho real de

produção, sua gestão e organização, a criação cultural e artística, o trabalho de produção dos saberes, o campo sindical e político. Também encontra obstáculos e oposições ferozes em círculos cujos interesses são ameaçados e o comportamento questionado. Essa dialética entre as tentativas de emancipação do trabalho e sua repressão é muito conflituosa, bastante política, mesmo que muitas vezes seja invisível. Pode se tornar subversiva e explosiva.

A abordagem ecológica tenta colocar o vivente e, o ecossistema, no centro das atividades sociais de produção de bens e serviços e de todas as atividades individuais e coletivas dos seres humanos nas diversas esferas da vida individual e social. Seu projeto é pôr um fim a todas as formas, manifestações e processos de degradação do ecossistema e do ambiente de vida de seres humanos, animais e plantas, no imediato e no longo prazo. A sensibilidade ecológica vem irradiando há algum tempo em muitas esferas da vida social, cultural, econômica e política. O sucesso estimado da agricultura orgânica é uma ilustração disso. Essa sensibilidade encontra enormes obstáculos, dados os interesses consideráveis que estão em jogo e os comportamentos que, à sua maneira, põe em questão, especialmente na esfera política.

Assim, podemos constatar em todo o planeta, que ainda existem poucos governos e forças políticas organizadas que, para além das palavras, mas na maneira como agem, abrem espaço às sensibilidades ergológicas e ecológicas, que são bastante antagônicas aos critérios estritamente financeiros e aos valores dominantes de mercado na era do neoliberalismo.

Tanto a ergologia quanto a ecologia têm hoje orientações políticas subversivas em nosso mundo. Especialmente quando são tomadas por um movimento popular no qual os mais pobres estão envolvidos, aqueles que estão confinados em relações de dominação pelo mundo da política instituída. O movimento dos "coletes amarelos" testemunha essa imbricação subversiva.

Costurar ergologia e ecologia é um caminho obrigatório para a construção de um projeto político, colocando o trabalho e a democracia no centro.

Hoje há um debate científico e político sobre a questão do Antropoceno, nosso meio de vida, amplamente moldado pela atividade humana. A articulação entre a abordagem ergológica e a ecológica se impõe a nós, se queremos entender o que está acontecendo conosco, as transformações reais da humanidade e do planeta, e se queremos agir para salvar tanto a vida mesma dos seres humanos, o desenvolvimento da humanidade e o meio de vida propício a esse desenvolvimento sustentável.

A ecologia, como a ergologia, nos convida a focar no que nos une como seres humanos. Como Yves Schwartz disse em seu discurso de abertura no 4º congresso da SIE (Sociedade Internacional de Ergologia) em Brasília em agosto de 2018 :

como somos todos atravessados por dramáticas do uso de si que colocam em debate saberes e valores, estamos todos a caminho, todos responsáveis, todos contadores de um mundo comum a construir. É aqui que ocorre a reavaliação da ambição, do próprio conceito de democracia. É nesse ponto que a abordagem ergológica ser o coração de uma política do presente: vinculando saberes e valores, matriz de um 'humanismo enigmático'.

Se estamos todos preocupados, indivíduos, coletivos, sociedades, sindicatos e organizações políticas, como podemos assumir essa responsabilidade eminentemente política, nas condições reais e concretas do mundo de hoje? Como agir como seres humanos e cidadãos, responsáveis e livres? Como podemos assumir nosso lugar com nossos próprios normas e valores e construir esse mundo comum que se busca e se transforma?

6. Redesenhar nossa atividade política a partir da centralidade da atividade humana

Exaltar o ponto de vista do trabalho, da atividade humana, para trazer à tona todo esse mundo comum a construir conjuntamente, nos obriga a todos a reconceber o trabalho do cidadão portador de atividades produtivas e cívicas, como o trabalho político no seio das instituições democráticas.

Nesta atividade política em que somos todos iguais como seres de atividade, como seres sociais, onde sempre nos distanciamos

do que nos é prescrito “*estamos colocando parcialmente em jogo o mundo em que gostaríamos de viver em boa saúde, somos todos os irmãos e iguais neste domínio sobre nós de um mundo de valores sem dimensões, mundo do qual tentamos nos dar normas para agir*” Yves Schwartz (Congresso SIE, 2018)

Nosso problema político hoje é primeiramente o de passar de uma análise crítica do mundo real para a construção coletiva de proposições positivas de alternativas. A abordagem ergológica propõe, a partir das aspirações dos seres humanos que reivindicam sua liberdade de ação e pensamento, sua singularidade ao mesmo tempo que sua capacidade de transformar as normas instituídas e seu ambiente de vida, em um movimento coletivo que conjuga emancipação individual e coletiva.

Essa perspectiva está começando a emergir em todos os lugares, mas muito lentamente, especialmente nas esferas políticas e sindicais, que permanecem muito longe das "dramáticas dos usos de si", dos "debates de normas e valores", dos "processos da renormalização", cujo trabalho e a atividade de cada ser humano são os caldeirões culturais

Pierre Rosanvallon fala de uma "reinvenção da democracia" no âmbito de uma "terceira era da modernidade" (Georgesco; Audier, 2018). Yves Schwartz propõe como apoio o "*debate de saberes e valores, as reservas de alternativas do mundo social para construir o futuro da espécie humana, o futuro ecológico de nossos territórios e do planeta*". Assim, somos sempre trazidos de volta à exploração profunda deste continente pouco conhecido que é a atividade de trabalho.

O trabalho de pesquisa sobre o trabalho vivo que se realiza, os dispositivos originais como o dos “Trabalhadores surpreendentes”, permite-nos realizar "viagens ao coração da atividade".

Descobertas surpreendentes nos aguardam quando exploramos as atividades industriais no nível mais micro e nos preocupamos em observar esses processos de renormalização realizados pelos protagonistas do trabalho, inclusive nas condições atuais de trabalho subordinado, trabalho dominado, trabalho oprimido por critérios financeiros e suas ferramentas técnicas e gerenciais (organização,

gerenciamento e comando do trabalho). Vamos tentar entender a dialética em ação entre os processos de dominação-subordinação e ações coletivas que experimentam outras formas de trabalhar em conexão com escolhas ou debates de normas e valores. Essas dialéticas muito diversas e sempre singulares desenham "reservas de alternativas", "projetos-heranças" nas palavras de Yves Schwartz.

A militância industriosa e a sensibilidade ergológica nos propõem dar sentido e realidade a essa máxima, repetida frequentemente nos círculos sindicais, segundo o qual os trabalhadores são os verdadeiros "especialistas" de seu trabalho. Seu objetivo compartilhado por muitos hoje é construir um continuum entre todos esses traços mais ou menos visíveis dessas lutas no micro da atividade, para emancipar o trabalho em relação às normas e valores dominantes. Eles buscam desenvolver esses projetos-herança em construção permanente no centro da atividade, até a transformação da sociedade em todos os níveis da organização. Obviamente, isso implica considerar que os protagonistas do trabalho, os produtores como um todo, são chamados a participar de todos os níveis da organização empresarial e social, no trabalho político de construção do comum. Não há futuro verdadeiramente democrático enquanto houver uma ruptura entre, de um lado, os espaços de valores do bem comuns "encapsulados" nos processos de renormalização e reserva de alternativas inerentes às atividades de trabalho, e mais ou menos socializados; e, por outro lado, o trabalho do governo do mundo e da sociedade, o trabalho de elaborar projetos políticos, leis e regulamentos no seio das instituições.

É, portanto, outra maneira de conceber e realizar atividades políticas em todos os níveis de nossa organização social que está em jogo e que este debate constante em todas as formas de atividade humana, em suas dimensões mais microscópicas no cerne das atividades, nas escolhas políticas da sociedade que são decididas nas instituições democráticas. Portanto, é esse continuum que ainda precisa ser trabalhado e construído entre a atividade concreta dos cidadãos-trabalhadores em seu ambiente de trabalho e vida, e a atividade de especialistas do trabalho político nas instituições democráticas.

Não é suficiente tentar entender o que está acontecendo conosco hoje, como seres humanos, seres de atividade que aspiram ser donos de suas próprias normas. É também uma questão, no mesmo movimento, de transformar juntos nossos modos de agir, de conceber e de realizar nosso trabalho político na perspectiva de uma refundação da democracia, para permitir que os cidadãos-trabalhadores escolham coletivamente entre os mundos possíveis para construir.

Em todas as esferas de nossa atividade, cada um de nós, como trabalhador e cidadão, através do uso de nós mesmos que nos propõem os outros e a sociedade, e através do seu próprio uso de si, operam escolhas de valor que necessariamente têm uma dimensão política. Nessas escolhas, há uma sensibilidade (ou insensibilidade) particular, pessoal, ergonômica e ecológica. É uma questão de colocar essas escolhas em visibilidade, em debate, para torná-las o material para trabalhar coletivamente para construir um mundo vivível e possível para todos, onde cada um encontre seu lugar singular e o caminho de seu próprio desenvolvimento, de sua própria emancipação.

7. O trabalhar no centro para resolver crises sociais, ecológicas e democráticas

Concluindo, gostaria de fazer duas citações:

Não, diria que nenhum dos problemas que se colocam para a nossa sociedade podem ser encarados com seriedade até que o trabalho em seu conteúdo e não apenas em sua condição esteja no centro das preocupações de todos os atores em nossos aspectos políticos, econômicos e sociais. Não há possibilidade de uma "convivência democrática" enquanto mulheres e homens tiverem que produzir suas existências sob o jugo de um sistema sociotécnico, supondo, por causa da rentabilidade financeira, uma desrealização de suas atividades de trabalho (Durrafourg, 2007).

“Hoje, os "coletes amarelos" expressam um "cansaço geral". Seu discurso, inicialmente centrado no imposto, ampliou-se, denunciando o desprezo do qual são objeto ... É sempre quando as pessoas têm a sensação de pagar e não receber nada em troca, que vem a revolta” (Noiriel, 2018).

A contribuição mais valiosa do movimento "coletes amarelos" é que ele traz um ponto de virada histórico. Qualquer que seja o

resultado imediato, esse movimento traz à luz três crises completamente entrelaçadas: a crise social da desigualdade e do trabalho impossível e invivível, a crise ecológica dos perigos reais e estabelecidos que pesam sobre o meio de vida de humanos e outros seres vivos, a crise demográfica do trabalho político dos cidadãos-trabalhadores, que também se tornou impossível e invivível. O período que se abre agora não pode evitar o enfrentamento da resolução conjunta dessas três crises inseparáveis. Esta resolução envolverá uma profunda transformação na consideração da atividade humana no local de trabalho e em outros lugares. Quanto mais cedo melhor. Mas agora sabemos que isso levará tempo.

Referências bibliográficas

BAUNAY, Y. (2016) “Anticiper des situations de travail invivables? L'exemple d'une réforme en éducation”, *Ergologia* n°15, p. 129.

FREIRE, P. (1980) *Pédagogie des opprimés*. Paris: Éditions Maspéro.

DURRAFOURG, J. (2007) “Le travail nié, le travail relégué, le travail dévalorisé... mais le travail incontournable”. *Nouveaux Regards* n°37-38, p. 50.

NOIRIEL, G. (2018) “L'enjeu des luttes populaires c'est la dignité”. *La Croix*.

GEORGESCO, F.; AUDIER, S. (2018) Pierre Rosanvallon: « Une société d'égalité est celle dans laquelle on a la possibilité de vivre des libertés ensemble ». *Le Monde*.

SCHWARTZ, Y. (2015) Manifesto por um Ergoengajamento. In: Durrive, L.; Schwartz, Y. (Org.). *Trabalho e Ergologia: diálogos sobre a atividade humana II*. Belo Horizonte: Fabrefactum.

DURRIVE, L.; SCHWARTZ, Y. (2009) *L'activité en dialogue. Entretiens sur l'activité humaine (II)*. Toulouse: Éditions Octarès.